

Narrativas audiovisuais em História – questões metodológicas

Rafael Rosa Hagemeyer¹

Marcelo Robson Téó²

Resumo:

As questões em torno do audiovisual como fonte ou objeto de pesquisa só começaram a ser seriamente levantadas pelos historiadores a partir dos anos 1960, especialmente após a publicação de *Cinema e História*, de Marc Ferro. Contudo, a possibilidade de utilização dos recursos audiovisuais como forma de “expressão” do conhecimento histórico foi vista com certa desconfiança no âmbito acadêmico. Isso se deveu, em grande parte, ao caráter fluído e muitas vezes superficial das produções cinematográficas e televisivas voltadas ao “grande público” - o que muitas vezes implicou em “reducionismos”, “licenças poéticas”, “condensações espaço-temporais”, entre outros recursos narrativos. Essas questões foram observadas pelo historiador Robert Rosenstone em sua experiência como assessor de filmes de ficção e documentários. Com a popularização de novas mídias interativas e o barateamento dos recursos, novas possibilidades de produção audiovisual se abriram para profissionais de diferentes áreas, inclusive historiadores. Nesse sentido, temos hoje a possibilidade de não apenas atuarmos como “críticos” de produções audiovisuais na área de História, mas também como “produtores” - com toda a responsabilidade e as implicações inerentes ao nosso ofício. Buscando debater essas questões e ao mesmo tempo dar suporte teórico e técnico para experiências audiovisuais em História, surgiu em 2007 o Laboratório de Imagem e Som (LIS) do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atuando na área de ensino, pesquisa e extensão, o LIS tem procurado viabilizar a reflexão teórica a partir de problemas práticos ligados à pesquisa de material audiovisual, elaboração de roteiros, produção e edição. Com base nessa experiência, vem sendo produzidos filmes de curta duração, de diversos gêneros e formatos, envolvendo recursos diversos como entrevistas, dramatizações, imagens de arquivo, etc. O objetivo dessa comunicação é debater o estatuto do audiovisual na produção historiográfica tendo como ponto de partida as atividades desenvolvidas no LIS.

Palavras-chave: História, cinema, narrativas

Eixo temático escolhido: História e Cinema. (Maria Renata Duran)

Abstract:

The questions about the audiovisual as a source or an object of research had only begun to be seriously debated by the historians in the early 1960s, and especially after the publishing of *History and Cinema*, by Marc Ferro. Nevertheless, the possibility of utilization of audiovisual resources as a way of “expression” of historic acknowledgment was always seen with some mistrusting in the

1 Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Coordenador do Laboratório de Imagem e Som. E-mail: rafael.hagemeyer@gmail.com

2 Doutor em História pela Universidade de São Paulo e professor do Departamento de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: marceloteo@hotmail.com

university. That happens, in large, because of the fluid and often superficial character of the productions of and television destined to the “great public”. That implicated many times in “reducionism”, “poetical licenses”, “condensations of time and space”, and another devices for tell a story. This questions were observed by the historian Robert Rosenstone, through his experience as a film advisor for documentaries and hollywoodian productions. With the popularization of new interactive medias, and the fact that the resources are more available, new possibilities of audiovisual production have been opened to professionals from diferent areas, including historians. What we have today is the oportunity of, not only act as “criticals” of diferent kinds of media productions in History, bat also start to discuss our role in media production – with all responsibility and inherent implications of our work. Trying to discuss this subject and, at the same time, giv theoretical and technical suport to the audiovisual experiences in History surged the Laboratory of Image and Sound, (LIS), in the cours of Histoyr of the Santa Catarina State University (UDESC). Performing activities related to learning, researche and extension, LIS has tried to make the theoretical reflexion through the practical problemas related to image and souns researches. Based on this experience, a lot of short movies have been produced, of different genders and forms, involving different resources, as interviews, drama, images from archive, , etc. The objectiv of this communication is to debate the audiovisual standard in the historical production, taked from starting point the activities developed in LIS.

É possível realizar uma escrita visual da História? A questão, formulada por Robert Rosenstone nos anos 1980³, a partir de sua experiência na assessoria de filmes históricos de ficção e documentário, incomodou os historiadores. Afinal, há mais de dois mil anos o conhecimento histórico vem sendo produzido através da escrita, e a própria formulação da pergunta coloca em questão o tipo de concepção de História que está em jogo na própria formulação da pergunta. Ao longo do século XX o cinema mostrou que é possível desenvolver diversas formas de narrativa, mais ou menos próximas aos sujeitos que interagem com a câmera, com diversos graus de experimentação e simulação. Em todo o caso, não há como negar que ao longo do século XX o cinema demonstrou que é possível “contar histórias” através de imagens (e sons), e para isso foram desenvolvidas diversas formas de envolvimento do produtor, das pessoas retratadas no filme e do espectador nas experiências da narrativa cinematográfica. A capacidade do cinema para “contar histórias” se afirmou, e com isso a possibilidade de utilizá-lo na construção do conhecimento histórico, seja pelo seu papel “exemplar”, que permite uma compreensão do processo histórico, seja pelo simbolismo, a ser analisado com adequada metodologia de pesquisa de imagens. Mas para a análise do historiador, menor é a certeza de que o cinema sirva ele mesmo como “expressão” do conhecimento histórico.

Assim como o fato de uma pessoa ser alfabetizada não é o suficiente para fazer dela um

3 O artigo deu ensejo à resenha de Hyden White, ainda inédita no Brasil, sobre o livro de ROSENSTONE, Robert. **A História nos filmes, os filmes na História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. O trabalho de Rosenstone inspirou Hyden White a cunhar o termo “historiofotia” em oposição à historiografia. Trata-se de um neologismo empregado para se referir a uma forma visual da representação da História que difere da “escrita”. Ver também ROSENSTONE, Robert. **História em imagens, história em palavras**: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. O olho da história, Salvador, v.1, n.5, p.105-116, 1997

escritor, também não basta uma câmera para fazer de alguém um cineasta. Se “para se fazer cinema, basta uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, há que se discutir quais são as câmeras e apetrechos disponíveis, suas limitações, bem como discutir quais são as características específicas do olhar do historiador sobre o mundo, seus personagens, seus materiais palpáveis e suas representações. Qual é a história que se conta? Quais são as características da dinâmica narrativa adotada? Quais são as implicações teóricas e metodológicas subjacentes à constituição dessa narrativa? De que forma ela se apresenta diante da realidade? Ou melhor, de que forma a problemática histórica se encontra subjacente a essa narrativa? Como convergem as linguagens escrita e cinematográfica na constituição de um discurso historiográfico? Ou ainda, de que forma podemos tornar a problemática histórica propriamente explicitada em todo esse processo?

Acreditando que o barateamento dos custos de produção e difusão de vídeos permite outras formas de apropriação da linguagem, que escapam às determinações comerciais da produção da “indústria cultural”⁴, foi criada no segundo semestre de 2004 a Prática Curricular em Imagem e Som, que se consolidaria na reforma curricular do curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Em 2007, foi oficialmente criado o Laboratório de Imagem e Som, destinado a apoiar as ações da disciplina Prática Curricular e promover ações de pesquisa e extensão que envolvem a utilização desses recursos.

Para formar historiadores habilitados a produzir material audiovisual, a disciplina se desdobrava em dois semestres. No primeiro semestre, a ementa enunciava que seriam abordados os seguintes conteúdos: “Formas contemporâneas de expressão da imagem. Fontes visuais, história visual. O som e seus sentidos. Formas de registro e difusão sonoras. Projeto de história visual e/ou expressão sonora em instituição escolar”⁵. A ementa do segundo semestre implicaria tão somente na execução do projeto, mas como disciplina de estágio, ela implica em outros desdobramentos:

4 Nos referimos aqui ao conceito formulado por ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. Evidentemente, o conceito formulado nos anos 1940, já foi bastante criticado, sobretudo por ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001. Hoje ainda se discute várias as mutações sofridas pela indústria cultural e a relatividade da padronização dos comportamentos pela moda. ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**. São Paulo: Campus, 2006. LIPOVETSKY, Giles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

5 Destaca-se, na bibliografia original do curso, algumas obras de reflexão teórica sobre sociedade e mídia, como COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. RJ: Garamond, 2004. NOVAES, Adauto et alii. **O olhar**. SP: Companhia das letras, 1988. SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. SP: Companhia da letras, 2004. Havia ainda alguma bibliografia relacionada ao rádio: BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003. FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001. Outras eram dedicadas à estrutura escolar e o ensino: MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. SP: Cortez, DF: UNESCO, 2000. FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. SP: Papirus, 2003. PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza**. POA: Artmed, 2001. SENGE, Peter. **Escolas que aprendem: um guia da Quinta Disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação**. POA: Artmed, 2005.

elaboração de ensaios individuais sobre a experiência vivenciada, apresentação no Seminário de Estágios e de um Relatório Final, contendo a produção em áudio e vídeo realizada, além dos dados relacionados ao campo de estágio, histórico do projeto e de sua execução, além do conjunto de ensaios individuais realizados em equipe. Como se tratava de uma disciplina prática, que envolvia a orientação simultânea de muitos alunos, foram designados dois professores para compartilharem a disciplina e dividirem a orientação das equipes.

Com uma carga horária de oito horas/aula por semana, a distribuição das horas se fazia da seguinte forma: quatro horas/aula eram alocadas no turno em que o aluno estava matriculado, e outras quatro destinadas a oficinas, visitas ao campo de estágio, elaboração de trabalhos. A carga horária em sala era destinada à leitura e discussão teórica – fundamentos da linguagem em áudio e vídeo, seu papel na sociedade contemporânea e sua utilização no espaço escolar. Preocupada com a formação de professores e percebendo o entusiasmo dos estudantes com a produção em áudio e vídeo nas escolas, a professora Bárbara Giese desenvolveu a ideia original da disciplina, visando tornar os estudantes de História familiarizados com o espaço escolar, capazes de compreender os mecanismos da linguagem audiovisual hegemônica nos meios de comunicação, discutindo assim o seu papel na educação contemporânea. Assim, visava desconstruir o discurso mediático, sobretudo da programação televisiva e da publicidade, ao evidenciar através da prática os mecanismos através dos quais o audiovisual se constrói, bem como seu processo de produção de significados⁶. Por outro lado, a professora Márcia Ramos de Oliveira, com consolidada experiência de pesquisa na área da Música Popular, procurava discutir os elementos de análise da linguagem musical, poética e visual, e assim dotar os alunos de maior capacidade de interpretação das fontes visuais e sonoras no campo da História⁷.

Concomitantemente, eram desenvolvidas atividades no contraturno, relacionadas tanto em relação ao contato no campo de estágio como na realização de oficinas em áudio e vídeo, visando dotar os estudantes de história de noções de fotografia, gravação, pesquisa em imagens e sons, elaboração de roteiro e edição e atividades voltadas para sua utilização no ensino de História. Além disso, envolvia também o contato com as escolas que serviam de campo de estágio, normalmente o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina e as escolas da rede municipal de ensino de Florianópolis, por serem dotadas de melhor infra-estrutura, contando com salas informatizadas que permitiam aos estudantes de História da UDESC familiarizar os alunos do ensino fundamental com os programas de edição de áudio e vídeo para viabilizar as produções no

6 OROFINO, Maria Isabel Rodrigues. **Mídias e mediações no espaço escolar**. São Paulo: Cortez/Paulo Freire, 2005. SANCHEZ, Juana Maria (et al.) **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

7 OLIVEIRA, Márcia Ramos. Oralidade e canção: a música popular na história do Brasil. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatthy (orgs). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

segundo semestre.

É importante observar que a aquisição da maior parte dos equipamentos de áudio e vídeo que davam suporte a essas ações, e que permanecem sob a guarda do Laboratório de Imagem e Som atualmente, foi viabilizada através dos projetos de pesquisa e extensão coordenados por professores a ele vinculados, bem como de integrantes do Laboratório de Estudos das Cidades, que durante algum tempo desenvolveram os projetos de produção de rádio, enquanto a Direção do Centro de Ciências Humanas e da Educação, ao qual o curso de História é vinculado, se responsabilizou por prover o Laboratório de equipamentos e manutenção na área de informática.

O Laboratório jamais contou com um estúdio de gravação ou com algum servidor-técnico da área de comunicação que soubesse operar adequadamente os equipamentos, razão pela qual o laboratório teve que investir na formação dos estudantes de História como bolsistas, para assim viabilizar tanto a utilização e empréstimos de equipamentos quando para assessorar os demais alunos na utilização de softwares de gravação e edição. Nesse sentido, foi fundamental para a estruturação do laboratório o aluno Alan Carlos Ghedini, que possuindo experiência em informática ajudou na escolha dos primeiros softwares e sistemas, conseguindo colocar no ar a rádio LIS via internet, transmitindo eventos acadêmicos ao vivo e difundindo programas de música.

Por outro lado, ao avaliar as produções realizadas no LIS já nessa primeira fase, constatamos uma abertura para produção de gêneros variados de rádio e vídeo. Na Prática Curricular de Imagem e Som, todo o processo de escolha do tema era feito em conjunto com os alunos da escola, bem como a confecção do material – geralmente no contraturno. Alguns trabalhos realizados nesse período merecem destaque: a ficção científica *Oficina maluca de ideias*, 2007, usava as dunas na Lagoa da Conceição como cenário apocalíptico de um planeta que destruiu sua natureza, e que envia ao planeta terra uma expedição para salvar a natureza. Mas em geral, os trabalhos tendiam a compor um gênero próximo ao telejornal e videodocumentário, com destaque para alguns como Mc'Lanches, que tinha entre os integrantes um aluno do curso de Cinema da Universidade Federal de Santa Catarina, que utilizando-se de um programa de edição mais avançado conseguiu melhores efeitos do ponto de vista técnico, mas também na narrativa adotada para abordar o problema do tipo de comida que a cantina da escola deveria oferecer.

Em 2007 foi realizado o primeiro concurso público na UDESC para contratação de um professor para a área de “História, Imagem e Som”, cujos critérios de seleção tenderam para a valorização das questões teórico-metodológicas relacionadas com a pesquisa histórica com imagens e sons⁸. Como professor concursado na área, tenho trabalhado com fontes sonoras e visuais desde o

8 A bibliografia do concurso apresentava maior volume bibliográfico relacionado com a pesquisa de imagens e sons. Exemplos são livros de BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru: EDUSC, 2004. AUMONT,

mestrado, e em lecionado disciplinas de História da Arte e História da Comunicação, não tinha noção de que a disciplina em questão não era apenas uma auxiliar da teoria e metodologia da História, mas sim uma disciplina prática, relacionada com o estágio de produção audiovisual nas escolas. Ao tomar contato com as produções realizadas pelos alunos em períodos anteriores, logo percebi o imenso potencial de reflexão que essa prática poderia oferecer, no sentido de testar experiências em diferentes gêneros e formatos, e assumir desafios de representar visual e sonoramente os processos e contextos históricos jamais contemplados pela produção radiofônica ou televisiva – e em alguns casos, com parca ou nenhuma documentação sonora ou visual a seu respeito.

Minha intenção ao entrar no curso foi a de contribuir para qualificar a produção dos alunos, tanto do ponto de vista técnico quanto do ponto de vista metodológico. Em relação à parte técnica, me deparei com vários problemas no uso e funcionamento dos equipamentos utilizados – falta de experiência na operação de câmeras, mesa de som e softwares utilizados na edição – e por outro lado percebi que havia grandes dificuldades dos alunos em estabelecer um diálogo organizado e produtivo com as turmas escolares, bem como inexperiência da maioria no trato com equipamentos para dar vazão às suas ideias. E principalmente, inexperiência com a pesquisa histórica, os cuidados que o historiador deve ter ao empregar as imagens, bem como a dificuldade de realizar pesquisas “originais” em prazo tão curto de tempo.

Ao orientar os primeiros trabalhos, percebi que era difícil operar com algumas turmas para conseguir o envolvimento dos alunos, que em geral não tinham interesse por “temáticas históricas”, por mais próximas que lhe fossem. Era necessário contar com a colaboração dos alunos que se dispusessem, mesmo que eles “não gostassem” de História, o que implicava em alguns casos em ceder e produzir vídeos que pouco ou nada tinham a ver com História. Por outro lado os estudantes de História, ainda nas primeiras fases do curso, desconheciam procedimentos de pesquisa que permitissem abordar os problemas historicamente, através de uma pesquisa de imagens. Na verdade, não tinham tempo de bem aprendê-los em um semestre para levá-los para a escola no semestre seguinte, sem amadurecer questões de narrativa, roteiro, edição, enquadramentos que lhe permitissem se exprimir de melhor maneira antes de começar a ensinar.

No início, a disciplina se destinava mais a familiarizar os estudantes de História no relacionamento com alunos escolares na construção de um conhecimento técnico, quase como instrutores auxiliares para produzir os projetos que deveriam ser formulados pelos alunos da escola.

Mesmo assim, alguns alunos conseguiam dar um enfoque histórico para temas bastante próximos, como ocorreu com a produção do vídeo *Iguatê*, 2008, que aborda a experiência dos alunos da escola do Morro do Quilombo visitando o Shopping Iguatemi, enfocando historicamente o impacto que esse empreendimento teve sobre o bairro Santa Mônica ao se instalar numa área de preservação do mangue da ilha de Santa Catarina, confrontando o depoimento de professores de geografia a respeito do impacto ambiental com as propagandas veiculadas no momento de sua inauguração e as promessas de desenvolvimento e geração de empregos que traria para região. O Shopping em questão está situado na mesma avenida que a UDESC, sendo que esta também ocupa uma área irregular na referida área de preservação.

A partir de 2009, no sentido de aproximar mais a disciplina para o ensino de História, iniciamos no primeiro semestre uma série de atividades relacionadas com fontes sonoras e visuais que marcaram o aprendizado deles até o ensino médio. Fizemos isso a partir de atividades de pesquisa iconográfica no Laboratório, através dos computadores, consultando imagens retiradas de livros didáticos⁹. Alguns alunos conseguiram dessa forma descobrir a autoria e detalhes de produção de imagens que por vezes não possuíam nenhuma referência nos livros. Isso graças ao emprego de palavras-chave, relacionadas ao contexto a que se referem, personagens históricos que retratavam, detalhes significativos da figura (personalidade, objeto, cenário retratados), auxílio para busca em outros idiomas, resultando em pesquisas originais e de grande interesse para os estudantes. Do mesmo modo se faziam oficinas de audição de discursos, canções e produtos de mídia relacionados com diversos contextos, e esse material passou a ser utilizado nas oficinas de edição de imagens e áudio, resultando em produtos interessantes do ponto de vista da comunicação do conhecimento histórico. Com isso, a ideia era de que a pesquisa iconográfica e fonográfica pudesse ser um procedimento utilizado para qualquer tema. E para facilitar esse processo, optei por trabalhar diretamente com os professores de História, a partir das suas demandas. Assim surgiram temas relacionados à Ilha de Santa Catarina, que abordavam sua história em diversos períodos

Ao mesmo tempo em que se dedicavam à Prática de Imagem e Som, os professores ligados ao LIS se dedicavam a diversos projetos de pesquisa sobre temas ligados à música e nacionalismo, coordenado pela professora Márcia Ramos de Oliveira, e projetos de extensão realizados pela professora Barbara Giese levando as técnicas de produção de áudio e vídeo para o município de São

9 Para encaminhar a pesquisa iconográfica, trabalhamos com os alunos com base nas especificações do texto de BURKE, Peter. *Iconografia e Iconologia*. In: BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004. Apesar de sabermos das críticas do autor, acreditamos que a síntese que ele elabora sobre a Escola de Viena, sobretudo do método de Panofsky, era o mais simples para os alunos entenderem as etapas, embora alertados que não haveria tempo e condições para chegarem ao nível da análise iconológica propriamente dita, ficando restritos à análise iconográfica, através da descrição e reconhecimento dos elementos presentes na imagem, além das características de sua produção e eventuais usos. Para um aprofundamento da questão, ver PANOFSKY, Erwin. **O significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

Bonifácio (SC), situado a 80 Km de Florianópolis. De minha parte, assumi o compromisso de divulgar os dados de minha pesquisa de doutorado sobre canção e política através da criação de um programa de rádio intitulado *Nos Cantos da História*, uma série de 16 programas, cada um deles dedicados a uma música do cancionero internacional de diferentes épocas e contextos (Revolução Francesa, Independência dos Estados Unidos e da América do Sul, Unificação da Itália, Guerra Civil Espanhola, Segunda Guerra Mundial, Guerra do Paraguai, Comuna de Paris, Revolução Mexicana, entre outros)¹⁰. O roteiro consistia numa apresentação resumida de 3 a 4 minutos sobre o contexto em que a canção foi produzida, com fragmentos de gravações antigas, e no final apresentava-se uma versão original e inédita, em português, procurando ser mais ou menos fiel à letra original da canção, mas sem se ater aos padrões de estilo e ritmo musical que a equipe considerasse como apropriação legítima do sentido histórico da música, muitas vezes adotando estilos regionais diferentes (baião, milonga, blues) e contemporâneos (rock, hip hop). O programa foi considerado instrutivo e exibido três vezes por semana na rádio UDESC FM de Florianópolis, Lages e Joinville, bem como em sindicatos e rádios comunitárias.

A pesquisa realizada no LIS não se resume àquela empreendida pelos alunos de Imagem e Som, embora ela tenha se diversificado, adotando gêneros híbridos de ficção e documentário, e abordando diversos temas da história de Santa Catarina¹¹, enquanto outros abordam de forma geral os grandes temas da historiografia¹². Além disso, surgiram também vários trabalhos tentando focar uma temática específica através da história, como trabalho, beleza, tempo, higiene, infância, escola. Em geral, são documentários históricos explorando formatos diversos, tanto em temas originais quanto a partir de pesquisas já realizadas. Esse material tem se destinado especialmente às escolas onde são inicialmente apresentados, servindo como de apoio didático aos professores destas instituições, mas também vem sendo compartilhado, à medida que o aprimoramento técnico das produções permite, com a comunidade em geral. O mais elaborado projeto audiovisual até agora realizado foi o documentário *Através do samba* (2011), sobre o samba em Florianópolis, idealizado pela professora Márcia Ramos de Oliveira, e que tem participado em mostras de vídeo em diversas

10 Disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=g3Rbi0dLj4&playnext=1&list=PL968155CDC61463D9&feature=results_main

11 Podemos elencar, entre os temas enfocados em Santa Catarina, a Pré-história, a Invasão Espanhola da Ilha de Santa Catarina, a Guerra do Contestado, a Segunda Guerra Mundial em Florianópolis, além de aspectos sociais relacionados à memória dos pescadores, a imigração alemã, a greve dos professores e as transformações urbanas da capital catarinense.

Ver a lista de projetos ano a ano na página do Laboratório. http://www.lis.faed.udesc.br/index.php?option=com_content&view=article&id=55&Itemid=50&showall=1

12 Como grandes temas da historiografia, consideramos as produções de vídeo relativas à Idade Média, à abolição da escravidão no Brasil, nacionalismo e movimento operário, ditadura militar. Essas produções estão disponíveis no canal Lisudesc no Youtube: <http://www.youtube.com/user/lisudesc>

partes do país¹³.

No Laboratório de Imagem e Som também desenvolvem suas pesquisas estudantes de iniciação científica e de mestrado da UDESC, de onde resultaram várias dissertações relacionadas a cinema, mídia no espaço escolar, televisão, música e rádio. Os professores credenciados no Programa de Pós-Graduação em História da UDESC também ministram disciplinas de mestrado relacionadas à pesquisa de imagem, som e audiovisual. Trabalhos de conclusão de curso, artigos acadêmicos de alunos de professores, alunos mestrado e iniciação científica. Nesse sentido, a experiência de ministrar a disciplina *História, Narrativas e Registros Audiovisuais* na UDESC foi o meu ponto de partida para escrever o livro *História & Audiovisual* (2012), obra introdutória para historiadores que desejam abordar o audiovisual, em sua diversidade, como fonte, objeto e meio de expressão da História¹⁴.

Por outro lado, tais produções, junto às discussões teórico-metodológicas realizadas com os alunos de graduação e pós-graduação, tem incitado uma série de questionamentos, sobretudo em relação aos limites de um laboratório voltado ao audiovisual num curso de História desprovido de uma equipe técnica, de equipamentos e espaços adequados e de apoio financeiro institucional, necessidades fundamentais quando se trata de produções cinematográficas. Uma das questões que envolvem a aproximação do historiador rumo ao cinema diz respeito justamente à distância entre a produção acadêmica e o universo de interesses do público em geral, fazendo com que os resultados alcançados restrinjam-se a um debate hermético, de impacto social restrito. A linguagem audiovisual apresenta-se como uma possível solução no processo de divulgação e produção (em formatos distintos) do conhecimento acadêmico, especialmente nas ciências sociais e humanas. Contudo, sem os requisitos técnicos necessários, tais produtos podem acabar por repetir os mesmos erros dos formatos já gastos das teses acadêmicas.

Mas este é apenas um dos problemas. A carência de formação técnica também limita as possibilidades de concretização das soluções práticas encontradas, normalmente a partir de debates teóricos prévios, para cada problema histórico abordado a partir da experiência cinematográfica. Nesse sentido, embora discuta-se a validade dos formatos tradicionais do documentário expositivo, das narrações em *off*, das narrativas reduzidas a citações visuais e entrevistas com especialistas, e aponte-se para a eficácia e a abertura de narrativas que aceitem mais abertamente o elemento poético, reflexivo, esbarramos com frequência nas dificuldades técnicas impostas pela experimentação¹⁵. O que nos leva a um frequente retorno àqueles formatos que, com frequência,

13 O projeto possui uma página <http://atravesdosamba.wordpress.com/page/2/> e o documentário está disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=USIhGwAbnss>.

14 HAGEMeyer, Rafael Rosa. *História & Audiovisual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

15 Utilizamos aqui a categoria de documentário expositivo a partir da tipologia formulada por NICHOLS, Bill.

criticamos, mas que se revelam mais simples e de execução mais rápida.

O problema da má qualidade técnica é o risco de ela comprometer a própria compreensão – visual e auditiva – gerando por outro lado frustrações nas expectativas da equipe em relação projeto idealizado. Ao oferecer ao aluno de graduação uma formação técnica mínima, amplia-se também suas possibilidades de atuação profissional, na medida em que ele passa a entender tudo o que envolve uma produção mínima audiovisual em história: produção e direção, elaboração de roteiro, pesquisa iconográfica, fonográfica e videográfica, gravação, o emprego de recursos de animação e edição. Mais do que tudo, ganha uma dimensão do tempo que envolve cada atividade e dos possíveis custos de equipamento e gastos com técnicos-profissionais para alcançar uma produção de qualidade profissional. E apesar das dificuldades, já é possível perceber nas trajetórias de alguns ex-alunos, que conseguiram viabilizar projetos culturais em áudio e vídeo através de editais de instituições culturais, e que iniciaram esse tipo de atividade a partir da Prática Curricular em Imagem e Som e dos projetos de monitoria, pesquisa e extensão desenvolvidos no LIS.

Além disso, a presença dos graduandos nos campos de estágio é amplificada, tanto no compartilhamento de saberes técnicos com alunos do ensino fundamental e médio, quanto no engajamento destes últimos na discussão dos temas apresentados em formato audiovisual com resultados satisfatórios. Nesse caso, os estudantes de História, ao apresentar sua produção na escola, segundo a demanda do professor de história, elaboram uma atividade com a turma, para avaliar de que forma os alunos apreendem e relacionam as informações veiculadas pelo vídeo ou programa de rádio apresentado, e conseguem realizar uma auto-avaliação em relação ao atingimento de seus objetivos.

Ainda que observando que a produção de vídeo, e principalmente no formato documentário/reportagem televisiva, seja a inclinação da maioria dos alunos, as produções que utilizam recursos ficcionais ou apostam em formatos de rádio não são desencorajadas. Contudo, a produção radiofônica tem se reduzido nos últimos anos, e para suprir essa lacuna se propôs, durante as discussões para a reformulação curricular do curso de História da UDESC, que a Prática fosse dividida em duas disciplinas independentes, sendo sua primeira edição dedicada à produção de áudio e a segunda edição destinada à produção de vídeo.

Com isso, esperamos que, com o aprofundamento teórico-metodológico e o aperfeiçoamento técnico das produções, a experiência do LIS possa servir para nortear um novo modelo de formação de historiadores, preparados para produzir conhecimento histórico em diversos formatos. Assim,

Introdução ao documentário. Campinas: Papyrus, 2005. Essa tipologia divide os documentários em seis tipos (expositivo, observativo, participativo, performático, reflexivo e poético), adotados na análise dos documentários históricos por ROSENSTONE, Robert. **A história nos filmes, os filmes na História.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

estarão ajudando a difundir temas e problemas da História ainda desconhecidos do grande público, através da adoção consciente de diferentes formas e abordagens de resgate do passado possíveis através dos recursos de áudio e vídeo.

Bibliografia

- ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- ANDERSON, Chris. **A Cauda Longa**. São Paulo: Campus, 2006.
- AUMONT, Jacques. **O olho interminável** [cinema e pintura]. São Paulo: Cosac & Naïfy, 2004.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- BARBOSA FILHO, André. **Gêneros radiofônicos: os formatos e programas em áudio**. São Paulo: Paulinas, 2003.
- COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. RJ: Garamond, 2004. NOVAES, Adauto et alii. **O olhar**. SP: Companhia das letras, 1988.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FERRARETTO, Luiz Artur **Rádio: o veículo, a história e a técnica** Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados**. SP: Papyrus, 2003.
- GRUZINSKI, Serge. **A guerra das imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HAGEMEYER, Rafael Rosa. **História & Audiovisual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- LIPOVETSKY, Giles. **O império do efêmero**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. SP: Cortez, DF: UNESCO, 2000.
- NAPOLITANO, Marcos. **História & Música: história cultural da música popular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.
- OLIVEIRA, Márcia Ramos. Oralidade e canção: a música popular na história do Brasil. In: LOPES, Antonio Herculano; VELLOSO, Monica Pimenta; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs). Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- OROFINO, Maria Isabel Rodrigues. **Mídias e mediações no espaço escolar**. São Paulo:

Cortez/Paulo Freire, 2005.

PANOFSKY, Erwin. **O significado das artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar: Agir na urgência, decidir na incerteza**. POA: Artmed, 2001.

ROSENSTONE, Robert. **A História nos filmes, os filmes na História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

_____. **História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens**. O olho da história, Salvador, v.1, n.5, p.105-116, 1997.

SANCHO, Juana Maria (et al.) **Tecnologias para transformar a educação**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SENGE, Peter. **Escolas que aprendem: um guia da Quinta Disciplina para educadores, pais e todos que se interessam pela educação**. POA: Artmed, 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. SP: Companhia da letras, 2004.

WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido** (2ª. ed.). São Paulo: Companhia das Letras, 1989.